



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura da 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia
e Inovação**

Brasília-DF, 26 de maio de 2010

Meu caro companheiro Sergio Rezende, ministro da Ciência e
Tecnologia,

Meu caro companheiro almirante Júlio Soares de Moura Neto, ministro
interino da Defesa e comandante da Marinha brasileira,

Meu caro companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu caro companheiro Márcio Zimmermann, ministro de Minas e
Energia,

Meu caro José Artur Filardi, das Comunicações,

Companheiro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da
República,

Jorge Félix, do Gabinete de Segurança Institucional,

Altemir Gregolin, da Pesca e Agricultura,

E companheiro Paulinho Vannuchi, ministro-chefe da Secretaria de
Direitos Humanos,

Companheiros e companheiras senadores,

Senadora Ideli Salvati e senador Renato Casagrande,

Deputados federais,

Deputada Angela Amin, deputado Ariosto Holanda, deputado Beto
Albuquerque, deputado Carlos Abicalil, deputada Cida Diogo, deputado Eunício
Oliveira, deputado Gilmar Machado, deputado José Carlos Vieira, deputadas
Luiza Erundina e Tonha Magalhães,

Meu caro Jacob Palis Junior, presidente da Academia Brasileira de
Ciência e Tecnologia, de Ciências.



Marco Antonio Raupp, presidente da SBPC,
Luiz Davidovich, secretário-geral da 4ª Conferência Nacional de Ciência,
Tecnologia e Inovação,
Luciano Coutinho, presidente do BNDES,
Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,
Nossos queridos amigos, alunos Luana Carla e Lopes, e meu querido
Lenilton Ribeiro dos Santos,
Pesquisadores agraciados, homens e mulheres da Ciência, jornalistas e
o nosso tradutor aqui,
Boa noite,

Eu, como sempre, estou com um discurso muito longo aqui. Mas eu, primeiro, queria dizer para vocês uma coisa que mostra a ciência de governar, como é difícil. Vocês viram que eu assinei ali um projeto de lei agora, para mandar para o Congresso Nacional, que cria o Centro do Semiárido Nordeste, que cria o Instituto do Pantanal e o Instituto da Mata Atlântica. Na verdade, ontem... Ontem, não, há dois dias, sexta-feira eu recebi o Sergio Rezende, como sempre muito jeitoso, para dizer que precisava de um pouquinho de dinheiro para a ciência e tecnologia, que os cientistas estavam zangados, e para dizer: “Presidente, veja que coisa: eu mandei há dois anos, há oito meses, a criação do Instituto, Presidente, que o senhor foi comigo lá em Campina Grande, na Paraíba, lançar, Presidente. Está parado, Presidente. Não chegou ainda na Casa Civil”. Onde está, Sergio? “Ah, está lá no Ministério do Planejamento.” Eu liguei, o companheiro Paulo Bernardo não estava e eu falei com o companheiro João Bernardo. Eu falei: companheiro João, deixa eu te dizer uma coisa: o Sergio Rezende está aqui se queixando que tem um projeto aí que não está pronto, e tal, faz oito meses que ele está esperando. Então, meu filho, deixa eu te dizer uma coisa: eu tenho a Conferência na quarta-feira. Então, o que você não fez em oito meses você vai fazer, para que eu possa



assinar o projeto aqui, na terça-feira [quarta-feira]. Ele falou: “Está quase pronto, Presidente”. Porque tem uma coisa, tem uma coisa que eu tenho dito aos ministros: às vezes, um ministro fica brigando com o outro para fazer uma coisa qualquer e os dois vão, em divergência, para a Casa Civil. Chega lá, aquele que não quer fazer o acordo, se ele puder demorar, ele vai demorar um mandato inteiro sem deixar passar, porque é de interesse dele não querer que aconteça tal coisa. Eu não vou nem dizer para vocês quanto tempo eu esperei [para] que o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde se colocassem de acordo com relação aos hospitais universitários. Então, chega uma hora – eu digo para eles sempre – chega uma hora em que eles têm que levar para o árbitro definir para que lado a coisa vai pender, porque se depender... Nós fazemos, no mínimo, três reuniões de conciliação. É verdade. Um ministro tem uma divergência com outro, vai à Casa Civil, faz a primeira reunião, se não dá certo faz a segunda reunião, e o ministro que não quer fazer fala assim: “Para que levar isso para o Presidente, gente? É uma coisa tão pequena! Para que incomodar o Presidente, que está pensando coisas tão grandes?”. E essa coisa pequena não é levada para mim, até que, de vez em quando, eu encontro um ministro no corredor: “Puxa vida, Presidente, está difícil, Presidente”. Aí nós conseguimos resolver.

Eu contei esse caso para vocês porque o que nós vimos aqui, apresentado pelo companheiro Sergio Rezende, eu tenho a convicção de que nenhum de vocês tinha consciência da metade das coisas que aconteceram nesses últimos anos; como eu tenho consciência de que os ministros de outras áreas não sabiam o que tinha acontecido na Ciência e Tecnologia, e tenho consciência de que os ministros, Sergio Rezende, não conhecem 20% do que acontece nos outros Ministérios, apesar de nós conversarmos muito, apesar de todo mundo colocar em seu site, apesar de todo mundo estar na internet. A verdade é que nós ficamos prisioneiros do mundo em que vivemos, daquilo que tratamos e não nos preocupamos em nos dar conta do conjunto da obra que



um grupo de homens e mulheres conseguiu fazer neste país.

Eu queria dizer para vocês que em vez de discurso, em vez de ler o que está aqui, eu vou entregar para o Sergio; se interessar, ele publica em alguma revista do Ministério da Ciência e Tecnologia.

É que nós devemos muito a vocês. Eu, na verdade, se fosse um presidente de bom senso, eu chegaria aqui e falaria: “Muito obrigado por tudo o que vocês ajudaram a fazer” e vou embora, porque o que vocês viram aqui, hoje, eu também tenho a consciência de que nenhum cientista, o mais experiente – para não falar “o mais velho” –, nunca viu, neste país, nunca viu.

A fala do nosso querido coordenador da Conferência, a fala do nosso querido presidente do SBPC e a fala do nosso querido presidente da Academia de Ciências, três pessoas importantes que fizeram três pronunciamentos. Mas, combinando com o que o presidente da Academia de Ciências já tinha falado e o presidente da SBPC já tinha falado quando nós lançamos o PAC, por que deu certo, companheiros? Primeiro, Sergio, pela sua capacidade de lidar com as pessoas. Ou seja, a desgraça em política é que quando você coloca um ministro, que ele acha que ele sabe tudo e que os outros não sabem nada, e quando uma pessoa começa a falar com ele, ele fala: “Pode parar, pode parar, já estudei isso aí, já sei, já sei, eu já ouvi”. A tua simplicidade e o teu modo de ser é que fizeram com que pessoas como essas que falaram pudessem assumir, na construção do PAC da Ciência e Tecnologia, a convicção de que nós não tínhamos construído uma proposta de ciência e tecnologia do ministro Sergio Rezende, do reitor de tal universidade, mas a gente tinha convicção de que aquele trabalho apresentado, que está sendo executado, foi um trabalho resultado da competência dos cientistas brasileiros, dos pesquisadores, que ajudaram a construir.

E por que foi feito assim? Porque se o programa fosse apenas do ministro e o ministro caísse, ao cair ele levaria o programa com ele, e o outro que entrasse ia fazer o programa dele, não um programa de interesse da



sociedade brasileira. Esse é um legado, Sergio, que você vai deixar no Ministério, e vai deixar para os cientistas brasileiros.

Eu, eu trago o aprendizado, Sergio, de um cidadão que perdeu muita eleição. Eu perdi eleição para governador em [19]82, eu perdi eleição para presidente em [19]89, em [19]94, em [19]98, e a cada eleição era uma ruma de gente fazendo programa para mim, era programa disso, programa daquilo, era uma... sabe? Que se eu decorasse tudo aquilo eu seria reitor das universidades brasileiras, de tão sabido que eu era. Mas, como você tem que ter um programa, você tem que ter um programa, um programa em que você fala coisas com que você não concorda, é um negócio maluco.

Mas quando você chega ao governo, você tem que executar a política. E o programa, muitas vezes, é um artigo, é um parágrafo, é uma ideia. Nem sempre você consegue destrinchar, num programa de governo, o que é a política de ciência e tecnologia de um país. Quando você está no governo, você para com aquele negócio de “eu acho, eu penso, eu acredito”. Quando você está no governo, ou você faz ou você não faz, e o que vai ficar depois que você sair é o que você fez ou o que você não fez. Se você não fez nada, vai aparecer, na tua cara, uma folha em branco; se você fez, aparece um discurso grosso assim, como este que o Sergio mostrou para todos vocês aqui.

E o Sergio, o Sergio encontrou, nesta pessoa que vos fala, um cúmplice da ciência e tecnologia. Embora eu não entenda muita coisa, pela arte de conversar com muita gente e de palpitar na vida durante muito tempo, você vai aprendendo, pelo menos, os princípios gerais. Não peçam mais do que isso porque eu não sei, não peçam mais do que isso. Mas, eu poderia dizer uma coisa que... eu estava convencido de que nós precisaríamos convencer o governo a colocar mais dinheiro para a questão da ciência. E quando você vai colocar mais dinheiro – não apenas para a ciência, para qualquer Ministério que está aqui –, você tem uma disputa, como se você tivesse R\$ 100, tivesse



dez filhos sentados à mesa, cada um com uma idade diferente – um de dez anos, um de oito, um de 12, um de 15, um de 20 –, e você acha que é fácil falar: “Bom, eu tenho dez filhos, tenho R\$ 100, 10 para cada um”. Se fosse assim, seria fácil. Acontece que o de 18 vai falar para você: “Ô pai, eu estou namorando. Os meus 10 têm que ser 20, pai”. O de 15 fala: “Ô pai, eu tenho que fazer tal coisa”. O de 25, outra. Não dá certo. Ninguém quer ficar com menos, e todo mundo quer ficar com mais. Então, esse foi o primeiro trabalho de convencer o governo de que investir em ciência era uma coisa extremamente importante e gratificante para o país.

Ao mesmo tempo, outra coisa gratificante era fazer com que os ministros aprendessem a investir o dinheiro que estava disponibilizado nas suas pastas porque, vamos ser francos: nós aprendemos muito no segundo mandato. Aprendemos muito porque era um tal de ministro vir dizer para mim: “Presidente, cortaram o meu orçamento, Presidente. Eu preciso de mais dinheiro, Presidente”. Aí, quando você pegava o planejamento e ia destrinchar entre o disponibilizado e o comprometido, ele não tinha comprometido o dinheiro que ele tinha. Então, qual era a tentativa da parte econômica? “Vamos cortar um pouco mais, já que ele não está gastando.”

Vocês estão lembrados que na conferência que nós fizemos, do PAC, eu pedi para vocês: [vocês] têm que criar um mecanismo de os cientistas controlarem o investimento dos recursos que estão disponibilizados, para saber se estão indo correto. Isso aqui não é meu, eu sou passageiro. A política pode ser perene e a política pode ser eterna, até que a gente crie uma outra mais eficaz. E quem é que toma conta? São as instituições, são os cientistas que acompanham, que estão brigando por dinheiro.

Outra coisa que nós descobrimos, Sergio, uma coisa importante – e Paulo Okamoto, presidente do Sebrae: é que os empresários brasileiros também não estavam preparados para a inovação, não estavam. As pessoas, às vezes, aprendem a falar meia dúzia de palavras para fazer crítica, mas na



hora em que você disponibiliza o dinheiro... Eu fiquei horrorizado, que um dia o Celso [Sergio] me procurou e falou: “Presidente, o dinheiro disponibilizado para investimento em inovação das empresas não foi... as pessoas não utilizaram, não apareceram empresários”. Depois eu recebo o Presidente da CNI na minha sala para dizer: “Presidente eu preciso de ajuda, Presidente. O senhor precisa convencer os empresários a utilizarem o dinheiro e a fazerem investimento em inovação”. Eu não vou criticar ninguém, é porque nós não tínhamos o hábito, nós não acreditávamos que era possível a gente fazer isso. No Brasil, historicamente, nós fomos doutrinados a nos considerarmos seres inferiores. A gente, no máximo, disputava com a Bolívia, com o Paraguai, com o Equador. Quando chegava lá no Norte: “Ah, vou disputar com eles? Eles são muito sabidos, eles têm muito dinheiro”. Aí, quando eu vejo um cientista dizer que nós já somos o 13º, que nós já produzimos mais artigos do que a Rússia e do que a Holanda, é motivo de orgulho para nós, é motivo de orgulho para nós, e nós precisamos valorizar isso.

Eu, no domingo, estava vendo um corredor de Fórmula Indy, na televisão, quebrou o carro dele e... Eu não assisto corrida de carros porque é só “vrum, vrum, vrum”, eu não... É um barulho só, é a mesma coisa, é uma música só, e na Fórmula Indy é uma (incompreensível), não tem nem jeito de... se eu quero ultrapassar numa curva... É um (incompreensível) correndo. Mas eu achei uma coisa interessante: quebrou um carro, aí o corredor saiu do carro, passou um tempo, conseguiram arrumar o carro, ele saiu em último lugar, correu, correu, correu, aí foram entrevistar ele, ele falou: “É, porque foi difícil...” Ele deve ser um daqueles brasileiros que moram há muito tempo nos Estados Unidos e fala um pouco, assim, como se tivesse um ovo do lado da boca, sabe? Aquele que a gente não entende bem nem o Português e nem o Inglês. Mas tem bastante gente assim, muita. Não sei se tem muito cientista, mas deve ter. Aí, eu vi ele falar uma coisa fantástica. Ele falou... O cara perguntou, perguntou, perguntou, ele falou assim: “Quer saber de uma coisa? Eu sou



brasileiro e não desisto nunca”. Eu achei isso extraordinário porque isso foi a primeira peça de publicidade que nós criamos em 2003. Está lembrado, que a gente colocava o Ronaldo, da Seleção brasileira, caindo, quando ele jogava no Internazionale de Milão, que machucou o joelho, e aparece até o joelho dele saindo... parece que sai uma peça do joelho dele, e ele... Aquele menino sofreu dois problemas no joelho, se recuperou... Então, a gente fez uma publicidade, dizendo: “Sou brasileiro e não desisto nunca”, para levantar a autoestima do brasileiro, para a gente gostar da gente, para a gente gostar da nossa música, para a gente gostar da nossa ciência, para a gente gostar dos nossos trabalhadores, para a gente gostar das nossas matas, das nossas praias, para a gente admirar a nossa bandeira, para a gente gostar do nosso hino. Era um pouco isso o que a gente queria fazer, para sair daquela mesmice: “Eu sou pequeno, eu não valho nada, ninguém gosta de mim”. É um pouco... uma desgraceira de lamentação, que...

Se eu... quando eu entrei no sindicato, sabe o que o pessoal – os meus amigos do Partidão – dizia para mim? [O pessoal] que tinha muita influência no sindicato... O meu irmão Frei Chico dizia: “Lula, você vai entrar? A estrutura sindical brasileira não vai permitir você fazer nada. Você vai entrar e não vai fazer nada. A estrutura é cópia fiel da *Carta del Lavoro*, de Mussolini. Você não vai fazer nada”. E eu entrei no sindicato. Entrei em [19]75, é isso, Paulo Okamoto? Assumi a Presidência. Em [19]78 a gente tinha mudado a história do sindicato. A gente fez greve, que era proibido fazer pela Lei 4.330, nos perturbaram, nos bateram, e nós fizemos outra; nos prenderam, nós fizemos outra; até que as pessoas aprenderam que era democrático fazer greve. O patrão tinha o direito de dizer “não posso dar aumento”, e a gente tinha o direito de dizer “não posso vender minha força de trabalho”. Uma greve diferente de algumas que acontecem aqui em Brasília, porque nas minhas greves a gente não ganhava dia, não, a gente perdia o dia, e depois... Tem greve que o cara fica três meses [em greve] e recebe salário! Isso não é greve, isso são férias,



são férias. Lá, quando eu faltava um dia, já perdia o domingo. Então, a gente conseguiu mudar um pouco a história sendo teimoso, e eu acho que governar, Sergio, é a arte de ser teimoso. Ser cientista neste país era a arte de ser teimoso. Agora, não. Agora é a arte de fazer ciência num país que tem política de ciência, num país que tem políticas públicas e acredita.

Vocês hão de lembrar, hão de lembrar que o projeto de lei que nós mandamos para o Congresso Nacional, regulamentando a nova Lei do Petróleo, dentre as coisas que nós colocamos no Fundo – que nós queremos ter um Fundo muito grande para acabar com o desajuste deste país –, a prioridade é investimento em educação, e ciência e tecnologia. Essa é a prioridade básica para que a gente tenha consciência de que exportar um *chipzinho* deste tamanho, que cabe dentro de uma caixa do tamanho desta televisão, vale mais do que um navio de 300 toneladas de minério de ferro. Então, nós queremos exportar inteligência, conhecimento, que nós temos e precisamos desencantar, e não ficar exportando apenas produtos *in natura*, que é importante, *commodities*, que é importante, mas nós precisamos sofisticar e colocar... Vocês viram aqui o Ceitec, lá no Rio Grande do Sul. Eu já tive oportunidade de entrar naquele bicho lá. Eita bicho limpo danado! Vocês não sabem quantas coisas a gente faz para entrar lá dentro. Tem até um sugador de micróbio, que chupa a gente assim. A água é tão destilada, que se a gente beber morre, de tão limpa que é. O que é aquilo lá? Aquilo lá é uma fabricazinha de produzir inteligência, produzir um *chipzinho*. Nós vamos, agora, determinar que as empresas públicas brasileiras – Banco do Brasil, Caixa Econômica, BNDES –, quem for do Brasil, que for encomendar *chip* lá fora, passe primeiro pela nossa empresa pública de *chips*, para a gente poder fortalecê-la.

Então, assim o país vai caminhando e nós vamos nos descobrindo. Nós começamos a perceber que nós somos bons, começamos a perceber que nós temos competência, começamos a perceber que nós temos recursos, porque



essa mania de pequenez a que este país foi submetido... Dinheiro para educação era tido como gasto. “Ah, vai gastar, não pode.” Aí chegava uma empresa, pedia... Está aqui o Luciano Coutinho, nosso presidente do BNDES, homem de finíssimas qualidades, dentre as quais uma, a de ser pernambucano que nem eu. Está aqui esta nobre figura, aqui. O BNDES nunca tinha dinheiro. Chegava no final do ano, o BNDES emprestava 30 bilhões, 28 bilhões, não é isso, Luciano, 35 bilhões. No ano passado foram só 139 bilhões, numa demonstração de que tem... O programa de Desenvolvimento Produtivo, que foi coordenado junto com ele, o Ministro da Indústria e Comércio, e com a participação de várias agências do governo e da iniciativa privada, é um programa excepcional, que você precisaria trazer uma cartilha para distribuir aqui para os nossos cientistas, para eles saberem o que nós estamos fazendo em nível de inovação, e provocar a sociedade brasileira a acreditar nela.

Então, eu quero terminar dizendo para vocês o seguinte: dentre essas coisas... O Sergio... vocês viram que ele é muito jeitoso, não é? Está ali, me deu uma luneta que não funciona...(incompreensível) Eu fiquei... Eu confesso a vocês que quando eu vi a luneta... Você viu que está noite de lua cheia. O Presidente não consegue ver lua cheia, porque me colocam... eu trabalho numa sala toda fechada, aí eu saio da sala, me colocam num carro todo escuro, eu chego em casa, desço numa garagem, entro numa sala, acabou o mundo. Então eu estava pensando, quando o Serginho ficou com a luneta ali, eu falei: bom, hoje é noite de lua cheia, vou chegar em casa, convidar a dona Marisa para andar e emprestar a luneta para ela. No fundo, no fundo, ele deve ter pego uma que foi dada e que não funcionou. Ele falou “Como é só simbólica, deixa eu dar para o Presidente”, porque senão... nós estamos em ano político, alguém vai dizer: “O Ministro deu uma luneta para o Lula, luneta que foi comprada para dar para as crianças, deu uma para o Presidente”. Pronto, já está o Lula processado, já está o Ministério Público atrás da minha luneta, já está o Tribunal de Contas procurando qual o crime que eu cometi, já



está a oposição propondo uma CPI da luneta, e aí tudo fica paralisado neste país.

Nós aprendemos a vencer essas barreiras com humor, aprendemos a vencer essas barreiras com humor. Eu já disse ao companheiro Sergio Rezende: diga aos nossos cientistas que nós, até agosto, teremos que apresentar o orçamento de 2011. Então, quem estiver disputando as eleições, dispute, porque na peça orçamentária nós vamos colocar um pouquinho mais de dinheiro para ciência e tecnologia no orçamento de 2011.

No mais, queridos companheiros e companheiras, eu quero, do fundo do coração, agradecer a solidariedade que nós temos tido de vocês e a compreensão de que ainda falta fazer muito, nós estamos apenas começando; um começo excepcional, mas ainda falta muito. E Deus queira que a gente tenha como consciência a seguinte ideia: quanto mais a gente fizer, mais vocês têm que reivindicar, porque no dia em que vocês pararem de reivindicar não haverá motivação para que a gente trabalhe o tanto que estamos trabalhando. É exatamente assim que eu vejo a sociedade, é exatamente assim que eu vejo a relação entre Estado e sociedade, entre governo e sociedade. Às vezes, um ministro fica nervoso: “Presidente, mas eu já dei. No ano passado eu já fiz concessão, Presidente”. Pois é, ele gostou. Isso é que nem criança comendo aquele brigadeiro em festa de aniversário. Vocês viram que... você coloca a mesinha de brigadeiro, as criancinhas vão lá, não esperam nem começar o aniversário, comem tudo. Conquista é assim, conquista é assim. As pessoas conquistam uma coisa hoje, querem outra amanhã, conquistam amanhã, querem outra, e assim nós vamos fazendo com que haja uma evolução neste país.

O dado concreto é que nós hoje temos outro paradigma no país. Quem entrar, tem que saber que não é o paradigma do zero, é o paradigma do cinco, do seis, do quatro, do oito, do nove e do dez. Vocês acompanharam, esses dias, pela imprensa, essa história de eu ir ao Irã? Acompanharam? Vocês



viram que absurdo? Primeiro, as pessoas torcendo para não dar certo. É uma coisa maluca. Eu fiquei acompanhando, assim, pela imprensa, lendo uma coisa, lendo outra, e as pessoas “Ah, não vai dar certo”. A imprensa brasileira, então, dizia: “O Lula? O cara que vem lá de Garanhuns? O cara não fala nem inglês, o cara quer falar com um árabe, com um persa? Não vai dar certo, ele vai quebrar a cara. Aquilo é coisa de gente grande”. E nós estávamos convencidos de que era possível, na medida em que você restabelecesse confiança, você estabelecer uma boa política. O que nós fizemos, o que nós fizemos, e louve-se a diplomacia brasileira, louve-se a política externa deste país, coordenada pelo ministro Celso Amorim – que de vez em quando tem algumas viúvas, do tempo do nada, que reclamam e falam mal –, mas foram 18 horas de negociação para que a gente pudesse construir aquilo que há 31 anos os Estados Unidos querem fazer com o Irã e não conseguem.

Essa proposta que nós fizemos é a proposta de outubro, da Agência Internacional de armas atômicas [Agência Internacional de Energia Atômica]. Eles não conseguiram fazer porque não tinham confiança e as pessoas não se sentavam à mesa. Nós fomos lá, humildemente, estabelecemos uma política de confiança, e quando nós fizemos o acordo, Belluzzo... o acordo é muito mais difícil do que colocar um corintiano e um palmeirense na mesma mesa para comer. Como nós fizemos o acordo, que eu achava que os países que queriam levar o Irã à mesa iam ficar felizes que o Irã estava à mesa, eis que eles não queriam, porque no mundo, no mundo tem gente que não sabe fazer política sem ter um inimigo. Primeiro é preciso criar um inimigo. Esse inimigo tem que ser ruim. Embora possa não ser, mas tem que fazê-lo ruim, a cara tem que ser feia, e nós temos, então, que demonizá-lo. Eu digo isso porque eu fui demonizado por quantos anos? Quantos anos muitos de vocês, sem me conhecer, tinham medo de mim? Vamos ser francos, entre nós aqui. E qual era a grande dúvida de vocês? Era se nós tínhamos ou não capacidade de gerenciar este país. Quem é nordestino sabe: se eu não morri até os cinco



anos, de fome, sobrevivi até os sete, tomando café com uma cuia cheia de farinha, fazendo mingau, e estou aqui forte e bonito, por que é que eu não poderia gerenciar este país?

Então, nós fizemos aquilo que os outros não conseguiram fazer, e, em vez de sermos agraciados... não é isso? Vocês estão acompanhando pela imprensa. Na véspera, que eu estava lá, tinha gente dizendo: “Ah, o Lula é inocente, o Lula (incompreensível) não sabe nada”. Tem gente que, em vez de se sentar a uma mesa para conversar, prefere mostrar “eu tenho força. Ou dá ou desce”. Eu não sou assim. Ninguém dá e todo mundo desce, esse é o meu lema. Vamos tentar fazer com que as coisas sejam resolvidas em conversa franca e aberta.

Eu lembro, quando eu cheguei no governo... eu estou falando de uma... parece uma heresia, parece uma heresia, meu caro Almirante, mas neste país presidente da República não se reunia com reitores. Quando se reunia com um era muito, e tinha que ser do mesmo partido. Eu já me reuni todos os anos com os reitores, todos os anos, construindo política de educação juntos. Nós só temos uma dívida com eles, que é a autonomia das universidades, que nós temos hoje... tem que fazer até o final do ano. E ficou tudo mais fácil de trabalhar neste país. Quando a gente chega no poder e descobre, primeiro, que a gente não tem poder... A gente ganha as eleições, se mata de trabalhar, pensa que tem poder, aí chega um cara do cerimonial: “Essa não é sua cadeira. A sua cadeira é aquela”; chega um segurança e fala: “Não é por ali que você vai, é por aqui”. Então, a gente não tem poder. O poder é construído quando a gente resolve reparti-lo. Se todo político compreendesse o seguinte: felicidade, a gente só vai vivê-la se a gente reparti-la, porque viver sozinho não dá certo e governar, muito menos.

É por isso que hoje nós estamos completando 67 conferências, ouvimos de tudo. Vocês viram a briga que fizeram com o Paulinho Vannuchi por causa daquela conferência de Direitos Humanos? Vocês viram? Eu, por coincidência,



depois de um mês que ele apanhou, dois meses, três meses que ele apanhou, eu fui pegar a conferência de 2002, eu fui pegar a conferência de 1996, quando a gente não era governo, e nos aspectos que ele apanhou, a conferência de 2002 e a de [19]96 eram muito mais sectárias do que ele, muito, muito mais à esquerda do que ele. Entretanto, os algozes que o criticaram disseram amém àquela de 2002 ou à de 2006 [1996], possivelmente porque eles leram, mas não acreditavam que iam ser feitas. E a nossa eles nem leram e já foram contra.

Por isso, companheiros, eu estou feliz. É a última vez que eu me encontro com vocês como presidente da República, numa conferência. Certamente, se o futuro ministro da Ciência e Tecnologia entender que eu possa ser pelo menos um cientista político, e me convidar para vir numa conferência sem ser presidente, cá estarei eu com todo o prazer de contribuir.

No mais, muito obrigado e que Deus abençoe todos nós. E que o Sergio continue trabalhando com o carinho e com a dedicação com que ele tem trabalhado até agora. Um abraço.

(\$211A)